

EUA negam mudança no tratamento da dívida

Segundo o secretário de Estado, James Baker, será mantida a mesma estratégia diante da dívida do Terceiro Mundo. Em Tóquio, Sarney e Bush conversarão sobre problemas econômicos.

O secretário de Estado norte-americano, James Baker, informou ontem ao Congresso dos EUA que os princípios básicos de sua estratégia para enfrentar o problema da dívida do Terceiro Mundo serão mantidos. A informação confirma a expectativa de que o governo Bush é contrário à criação de um mecanismo internacional para o controle da dívida.

O presidente George Bush prometeu em dezembro que prepararia uma "revisão total" da estratégia da dívida. Mas, segundo as informações de Baker à Comissão de Relações Exteriores do Congresso, os princípios básicos continuarão os mesmos, apesar de estar em curso uma revisão que trará "algumas melhoras".

"O departamento de Estado está envolvido na revisão da estratégia", disse James Baker, confirmando sua disposição em continuar na supervisão da política estabelecida por ele mesmo nos últimos quatro anos, como secretário do Tesouro. Segundo Baker, "os princípios que formam a base de nossa política ainda são muito válidos, e por isso não devemos descartá-los".

Estes princípios são: 1) crescimento econômico dos países endividados, através do aumento das exportações; 2) reformas visando a implantação de economias de livre mercado; 3) os contribuintes nor-



James Baker: "princípios ainda muito válidos".

te-americanos não têm por que pagar a conta.

O secretário de Estado disse aos congressistas que somente o crescimento econômico poderá ajudar os países devedores a superar a crise atual, e apenas as políticas de livre mercado poderão ajudá-los a crescer.

No ano passado, uma emenda incorporada à Lei de Comércio americana obrigou o Departamento de Tesouro a realizar consultas a

outros governos, visando a criação de um instituto ou mecanismo internacional específico para o controle da dívida do Terceiro Mundo. O objetivo era aproveitar o desconto de títulos da dívida no mercado secundário de valores.

Como o secretário James Baker é contrário a qualquer forma de redução da dívida que provoque prejuízo para os contribuintes norte-americanos, acredita-se que o governo George Bush será contrá-

rio a essa idéia. Uma idéia que nasceu no Congresso americano, com o apoio de dezenas de especialistas, banqueiros e organizações internacionais.

Visita

Apesar das posições já reveladas pelo governo americano em relação à dívida, o assessor internacional do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, começou ontem mais uma visita a Washington. Ele participa de mais uma discussão sobre a recapitalização do Banco Interamericano de Desenvolvimento, mas seu principal objetivo deverá ser o de negociar a desvinculação entre o desembolso de US\$ 600 milhões dos bancos comerciais e a aprovação de um empréstimo do Banco Mundial para a Eletrobrás, que continua bloqueado.

O sucesso da nova missão de Sérgio Amaral dependerá muito do encontro entre os presidentes Sarney e Bush, em Tóquio. Uma conversa que, segundo o governo americano, tratará dos "problemas econômicos, financeiros e comerciais" entre Brasil e Estados Unidos. Segundo o assessor presidencial Brent Scowcroft, "o importante não é a profundidade com que se poderão abordar esses problemas, e sim a criação de um clima de entendimento pessoal que facilite o tratamento depois". Scowcroft informou que o encontro entre os dois presidentes deverá durar meia hora.